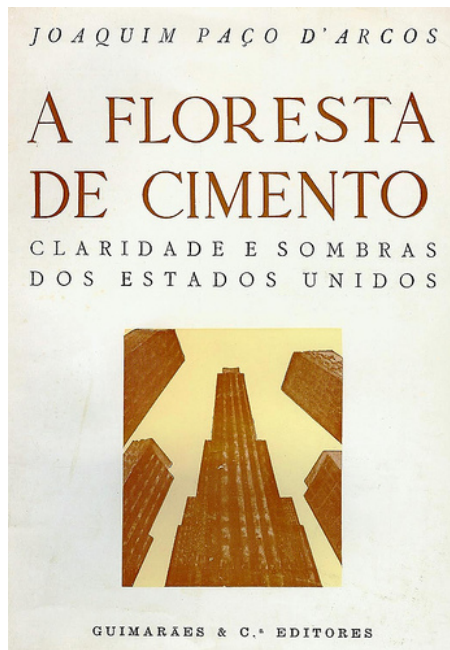


Revisitando ‘A Floresta de Cimento’, de Joaquim Paço d’Arcos

José António Alves



A memória é a mais frágil das faculdades humanas. Os seres humanos, por experiência, conhecem essa fragilidade. Por isso criaram artifícios para superarem a debilidade da memória: os povos antigos estabeleceram em rima os seus mitos, as religiões estabeleceram rituais que reatualizam as verdades da fé. No entanto, o esquecimento faz parte da vida humana e tristemente a toda a hora se olvidam coisas importantes. Muito ainda há a fazer na ampliação da memória humana.

Porque nos preocupamos tanto com a memória? Se não fosse a memória estaríamos sempre a iniciar tudo de novo. Sem a memória todos os momentos seriam constantes novidades. Sem memória o ser humano seria incapaz de avaliar a sua situação no mundo e não seria capaz de crítica porque não teria acesso a uma parte fundamental para a formulação do juízo, o passado. Não haveria acumulação de conhecimento. Sem memória não existiria identidade pessoal nem a identidade de um povo, a sua tradição.

Após a invenção da escrita são os livros os fieis depositários das memórias. Pena que também o esquecimento se aplique a livros que guardam fielmente coisas passadas. Contudo, a eles podem os leitores recorrer para recuperarem histórias de que já não se lembram ou narrativas que desconhecem. Os livros ampliam e auxiliam a memória humana. E porque assim é, os leitores não param de se surpreender com a verdade do passado ser sempre mais próxima

da verdade do presente do que se poderia imaginar. Em geral, o passado é um bom reflexo do presente. Não raras vezes os seres humanos admiram-se com o presente apenas porque esqueceram o passado. A vida atarefada do presente é imensurável porque já se esqueceu a dimensão do que havia a fazer em tempos idos. As crises de hoje são assombrosas porque não há memória das crises de outros tempos. O arquivo e registo do passado permite recordar os seres humanos de que o presente tem de ser enquadrado pelo passado e este oferece outra profundidade àquele. Quão essencial é a leitura para estender a linha do tempo! Quão essenciais são os livros para ampliar o humano! Através da leitura o ser humano recupera o que está para além do Letes. Por isso, também, quando o leitor se predispõe a visitar textos perdidos nas prateleiras da memória, não raras vezes se surpreende com a atualidade de livros desmemoriados entre a bruma do tempo.

Um desses livros chegou-me às mãos através de um amigo. Refiro-me a *A Floresta de Cimento. Claridade e Sombras dos Estados Unidos* da autoria de Joaquim Paço d’Arcos (1908-1979) e publicado pela Guimarães Editores numa primeira edição de 1953 e em segunda edição em 1956. O livro reúne o registo das impressões da viagem do autor pelos Estados Unidos da América. Ao longo de mais de quatrocentas páginas o viajante descreve pessoas, lugares, ambientes, arquiteturas, transportes, história e estórias, emoções e pensamentos, oferecendo ao leitor um registo rico e diversificado de um país que continua a admirar o mundo na amplitude dos seus contrastes. A pena viva do escritor e o uso elegante da palavra rapidamente agarram o leitor para com ele seguir viagem, mesmo quando «*ao alvorecer, após a noite inteira de marcha, ainda não havíamos saído do território do Texas*» [PAÇO D’ARCOS 1956, 191]. E assim seguem a par, escritor e leitor, por «*terras amarelas, bem tratadas, a perder de vista, dum lado e outro da via férrea*» [PAÇO D’ARCOS 1956, 191].

Ousada a aventura de empreender a viagem pelas páginas do livro velho, rapidamente o leitor se apercebe que o avanço em capítulos curtos lhe oferecem um retrato vívido e atual do país da *Coca-Cola*. *A Floresta de Cimento* evidencia bem a mestria narrativa do autor para construir imagens da realidade pelas palavras. A escrita de Joaquim Paço d’Arcos chega a ser

fotográfica. A leitura torna fácil imaginar os cenários americanos – sejam prédios que se perdem nas nuvens ou paisagens que se perdem no horizonte, sejam conversas com as mais representativas figuras da sociedade ou conversas com o transeunte anónimo –, tal é a capacidade descritiva e o relevo advindo da escrita do autor português.

Sem pressas o comboio galga a geografia de um país imenso e sem pressas mudam as realidades dos seres humanos. Interessante notar que, apesar da narrativa da viagem ter mais de cinquenta anos, não deixará de provocar ao leitor semelhanças com as impressões que a viagem pela América deixa ao viajante contemporâneo. Por exemplo, uma das impressões narradas pelos visitantes, quer no passado, quer no presente, são as novidades que por lá se encontram: para um português de 1953, altura em que não havia ainda televisão em Portugal, a mais espantosa era o espetáculo televisivo. Informa o autor:

Por vinte e cinco cêntimos de dólar podemos fruir no nosso quarto de hotel, durante uma hora, o espetáculo da televisão no pequeno *écran* do aparelho de radiotelefonia e de TV [PAÇO D'ARCOS 1956, 52].

Porém não deixa de sublinhar: «*Os programas de televisão, pelo que me é dado ver, parecem-me muito pouco interessantes*» [PAÇO D'ARCOS 1956, 52]. Infelizmente a frase poderia referir-se a um viajante de hoje. Mais de cinquenta anos depois os ecrãs continuam a fazer furor ao turista. Só que agora já não são os ecrãs televisivos, mas os dos mais sofisticados e recentes *gadgets* eletrónicos a provocar surpresa. Ponderado pela profundidade da memória o mundo nem parece mudar muito na sua estrutura.

Outro episódio curioso e que oferece ao leitor contemporâneo de *A Floresta de Cimento* a sensação de o tempo não ter avançado é o seguinte: Joaquim Paço d'Arcos, na sua viagem pela América, visitou o escritor-fazendeiro Louis Bromfield, vencedor de um prémio *Pulitzer*. Um dos assuntos das conversas foi a Europa. E mais uma vez o que o escritor americano verbalizou sobre a Europa poderia referir-se a uma conversa entabulada em 2012. Registou o autor do livro a conversa com as seguintes palavras:

Fazia impressão ver este homem forte [Louis Bromfield], produto de um país novo e rico, decretar, com absoluta segurança, a condenação irremediável do Velho Mundo. A Europa não podia viver sem impérios, fontes de matérias-primas para as suas indústrias e mercados para os produtos manufaturados. Perdidos os impérios, a sua decadência inevitável ficou traçada.

A muita cortesia de castelão e a simpatia pessoal de que nos rodeava permitiam-lhe fazer, a nós, europeus, as mais irreverentes afirmações: – A Europa é uma velha cortesã, com grande passado, mas sem futuro, com quem já ninguém quer dormir [PAÇO D'ARCOS 1956, 387].

Como se vê a atualidade do livro de Paço d'Arcos é flagrante.

No entanto, também a Joaquim Paço d'Arcos aconteceu o que acontece a milhares de autores: o esquecimento. A memória é frágil. Quem hoje saberá quem foi Joaquim Belford Corrêa da Silva Paço d'Arcos? Decerto muito poucos. Contudo, em vida, o escritor lisboeta foi um dos ficcionistas com maior notoriedade e um dos autores portugueses do século XX com maior número de livros traduzidos e divulgados no estrangeiro. Acerca de *A Floresta de Cimento*, Artur Portela escreveu no *Diário de Lisboa* de 28 de Janeiro de 1954, ser uma «obra de circulação mundial». Em Londres, o suplemento literário de *The Times* de 5 de março de 1955 afirmava:

Joaquim Paço d'Arcos, cujas novelas têm uma marca cosmopolita e nos recordam as de Somerset Maugham, mas cujos romances – com a exceção do *Antiquário de São Paulo* – são o espelho da sociedade portuguesa, numa espécie de *Comédie Humaine*, é também um distinto ensaísta. E o autor dum bem conhecido livro acerca dos Estados Unidos, *A Floresta de Cimento* (...). É também poeta e dramaturgo e uma das personalidades mais completas e vigorosas da cena literária portuguesa, com reputação assegurada no estrangeiro.

Apesar da projeção que *A Floresta de Cimento* conheceu, a obra que os críticos consideram mais representativa do seu trabalho de ficcionista foram os

seis livros publicados sob o título geral de *Crónica da Vida Lisboaeta* [PAÇO D'ARCOS 2009]. Este ciclo romanesco foi mesmo considerado fundamental no âmbito da literatura portuguesa por diversos críticos portugueses e brasileiros. Em todo o caso, o traço e olhar penetrante do escritor sobre a realidade circundante está presente com igual mestria na *Floresta* como na *Crónica*.

Como dito acima, em *A Floresta de Cimento* o autor descreve a viagem que empreendeu pelos Estados Unidos e que foi uma verdadeira *coast to coast*. Ao contrário de outras descrições de aventuras lusitanas, não começa *in medias res*, mas *ab ovo*, em Lisboa. Este início é aliás o único elemento externo à viagem circular que o autor fará pela América do Norte. Chegado a Nova Iorque a viagem seguiu em direção a oeste, pelo sul, via Washington, Atlanta, Nova Orleães, Houston, Austin, Albuquerque e Santa Fé, Grand Canyon, Los Angeles, São Francisco e regressou de novo a este, pelo norte, via Denver, Chicago, Detroit, Malabar, Niagara, Boston, Nova Iorque. Viagem que permitiu não só conhecer a América das grandes metrópoles mas também a América rural; a América branca e a América negra; a multiplicidade religiosa; a América e as muitas Américas que nela vivem... A narrativa termina na cidade representativa da floresta de cimento – não com a descrição do regresso a Lisboa mas com o saltitar dos esquilos que tanto se veem nos jardins americanos. As impressões vivas dos cenários que o escritor descreve são conseguidas graças a uma prosa ímpar. Por exemplo:

a locomotiva poderosa lá vai arrastando, com lentidão infinita, as dezenas de carruagens, pelo extenso e desolado planalto do Novo México. Não hesita em abusar das longas paragens, nem se envergonha dos grandes atrasos [PAÇO D'ARCOS 1956, 195].

Ou ainda:

Nova Iorque não é só a cidade dos paredões maciços, das esquinas agressivas e do vento cortante nos desfiladeiros de cimento. Não é só a terra das gentes apressadas que tudo parece espezinhar no caminho. É também uma cidade de

parques amplos, onde brincam crianças amoráveis. Se os arranha-céus nos esmagam quando deles nos avizinhamos, já à distância os seus perfis, nas tardes luminosas ou nos ocasos poéticos, nos obrigam a erguer o olhar e a reparar no céu [PAÇO D'ARCOS 1956, 40].

Foram as universidades o que o escritor viajante mais apreciou de tudo o que viu nos Estados Unidos. Paço d'Arcos sublinhou a sua admiração pela capacidade da universidade americana se abrir às massas e simultaneamente se preocupar em formar elites. Escreveu:

O espírito que anima as universidades é talvez um espírito cândido, mas é o que resulta de ser o norte-americano o único povo que acredita cegamente na possibilidade de aperfeiçoamento do homem. Essa crença incita-o à busca permanente de novos moldes de ensino. As suas universidades são organismos vivos em perpétuo afã transformador. Enquanto a educação é, na Europa, estática e fixa como o Penedo da Saudade, está nos Estados Unidos, sempre, em inquieta evolução e é esse o sintoma mais expressivo da ânsia de aperfeiçoamento que anima o povo inteiro [PAÇO D'ARCOS 1956, 422].

Efetivamente as universidades americanas são extraordinárias. Claro que ao fazer esta afirmação se tem presente as universidades da *Ivy League*: o grupo das oito melhores universidades dos Estados Unidos – Universidades de Brown, Columbia, Yale, Harvard, Princeton, Cornell, Pensilvânia e Dartmouth College. Destas, Joaquim Paço d'Arcos estanciou apenas em Harvard, que é também a mais antiga universidade americana, e provavelmente em Columbia, mas visitou muitas outras ao longo da viagem. Em todas as paragens com universidades nunca o escritor lisboeta deixou de as visitar e conversar com os professores. O autor de *A Floresta de Cimento* admirou-se com todas elas e com a qualidade do trabalho que desenvolviam. Entre as que visitou, decerto a que maior emoção lhe provocou foi a da Califórnia, Berkeley, onde ouviu um rasgado elogio a Fidelino de Figueiredo:

Ao almoço (...) recordam-me (...), em palavras de respeito e saudade, a figura do Professor Fidelino de Figueiredo, que por aqui passou e permaneceu, nas andanças de grande mestre que por toda a parte honrou a cultura portuguesa. Mas há muitos anos que Fidelino de Figueiredo trocou as universidades norte-americanas pelas do Brasil. E o grande esforço aqui por ele realizado não teve continuadores. (...) O busto de Camões permanece ainda no Wheeler Hall, ao lado dos de Shakespeare, de Dante e de Cervantes, a quem se ficou devendo a iniciativa da homenagem [PAÇO D'ARCOS 1956, 294].

Não deixa porém de salientar e advertir:

Mas no interesse de professores e alunos a literatura brasileira suplanta hoje totalmente a portuguesa, para o que contribui a força no pan-americanismo e a impotência ou falta de ação dos nossos organismos de expansão cultural [PAÇO D'ARCOS 1956, 294].

Hoje, a diferença entre a universidade portuguesa e a universidade americana já não é tão significativa como na época da visita do escritor lisboeta. Contudo, indubitavelmente as universidades americanas continuam a atrair os investigadores portugueses que as visitam, quer pela grandeza e organização dos *campi* universitários, quer pela qualidade do trabalho que realizam, quer pelas maravilhosas bibliotecas cheias de livros novos e antigos de todas as partes do mundo.

O livro de Paço d'Arcos é um excelente livro de viagem para ser lido por aqueles que visitam, pensam visitar ou simplesmente querem sonhar com a visita a terras estado-unidenses. No final, depois de vividas tantas emoções díspares, com certeza o leitor também dirá com o companheiro de viagem:

Ficámos os dois, silenciosos, a observar no relvado o saltitar dum esquilo, que era a imagem da graça e da leveza junto ao morro pesado dos arranha-céus [PAÇO D'ARCOS 1956, 434].

Porque além de livro de viagens, *A Floresta de Cimento* é literatura e, como se sabe, a literatura é de sempre. A memória é frágil, mas os livros são

poderosos, sobretudo quando têm a capacidade de ajudar a recuperar impressões tão vivas como as que colhemos através dos sentidos. O livro *A Floresta de Cimento* é um desses livros. Joaquim Paço d'Arcos ofereceu aos seus leitores não um livro sobre a América, mas uma verdadeira viagem à América. Escritores desta generosidade e talento não podem ficar esquecidos.

Referências

PAÇO D'ARCOS, Joaquim (1956) *A Floresta de Cimento. Claridade e Sombras dos Estados Unidos*, 2ª ed., Lisboa: Guimarães.

PAÇO D'ARCOS, Joaquim (2009) *Crónica da Vida Lisboaeta*, 3 vols., Lisboa: Guimarães.

